

MOITA DA LADRA, O DEPÓSITO VOTIVO DO BRONZE FINAL. RESULTADOS PRELIMINARES

Mário MONTEIRO
André PEREIRA¹

RESUMO

No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2009 na Pedreira da Moita da Ladra (Portugal, Vila Franca de Xira) foi escavado um depósito votivo do Bronze Final, localizado numa depressão natural no afloramento calcário. Abrangendo uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3 m de largura e uma profundidade máxima de 70 cm, foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna, que constituem o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fíbulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade. Perante os dados obtidos, a uniformidade tipológica do espólio e a análise prévia do mesmo, admite-se um curto período de ocupação do espaço (máximo 100 anos) ao longo do qual este foi continuamente utilizado no decurso de ritos de comensalidade. De acordo com a uniformidade tipológica do espólio e os paralelos obtidos, o sítio terá sido utilizado numa segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C. Obteve-se uma primeira datação absoluta por radiocarbono, sobre fauna mamalógica, que aponta para uma fase tardia do Bronze Final, balizada entre finais do século IX e finais do VI a.C., mais seguramente nos séculos VIII/VII a.C., num momento em que se davam os primeiros contactos com os Fenícios em Almaraz e em Santarém.

Palavras-chave: Bronze Final, depósito votivo, rituais de comensalidade.

ABSTRACT

During the archaeological works carried out in 2009 at the quarry of Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Portugal) a Late Bronze Age votive deposit was excavated, in a natural depression in the limestone geological substratum. Covering an area of less than 4 m long by 3 m wide and a maximum depth of 70 cm, an amount of about 50 pottery vessels were exhumed (in some cases with burnished surfaces) and abundant faunal remains, the votive spolia. Apart from these artifacts, a small number of bronze ornaments fragments (fibulae, pins and rings), and a string bead, apparently left there unintentionally, were collected. Before the data obtained and the typological uniformity of the spolia and its prior analysis, we suggest a short period of usage for this space (a maximum of 100 years), continuously used throughout that time for comensality rituals. After the typological uniformity of the spolia and the artifact analogies obtained, the place was used in a second phase of Late

Bronze Age, around the 10th and the 9th century BC. The first radiocarbon date (over mammal bones) points to a period of occupation corresponding to a final phase of the Late Bronze Age, between the end of the 9th and the end of the 6th century BC, most reliably in the 8th and 7th centuries BC, contemporary of the first phoenician contacts in Almaraz and Santarém.

Keywords: Late Bronze Age, votive deposit, comensality rituals.

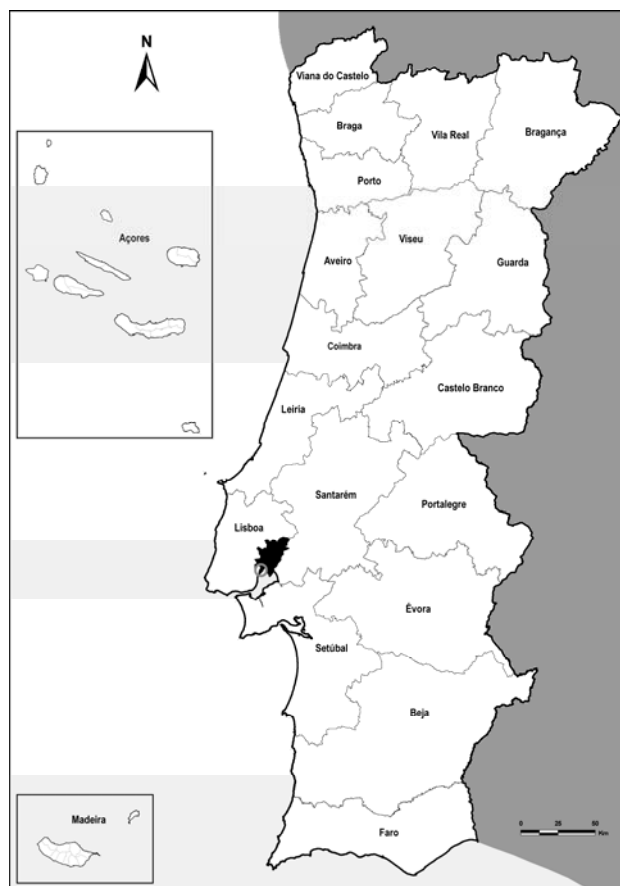


Figura 1 - Mapa dos distritos de Portugal Continental. Localização do sítio (círculo cinzento) no concelho de Vila Franca de Xira (a preto).

1. Introdução

No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados na Pedreira da Moita da Ladra foram identificados, em 2003, vestígios datáveis do Bronze Final, tendo o sítio sido escavado em 2009.

A pedreira da Moita da Ladra, N.º 2, propriedade da empresa Alves Ribeiro, S.A., localiza-se no distrito de Lisboa, concelho de Vila Franca de Xira (Figura 1), freguesia de Vialonga, cerca de 500 m para NE da povoação Verdelha do Ruivo (Figura 2).

A pedreira explora os basaltos de uma chaminé vulcânica pertencente ao Complexo Vulcânico de Lisboa, de idade fini-cretácica, encaixada em calcários do Cretácico Superior, localizando-se a área de estudo na referida

¹ Arqueólogos de EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia.

formação calcária. Morfologicamente a área onde decorreram os trabalhos arqueológicos localiza-se na base de uma encosta, de suave pendor, virada a Sul (Figura 3), a uma altitude de cerca de 227 m, em zona com vasta visibilidade sobre o estuário do Tejo, principalmente para jusante.

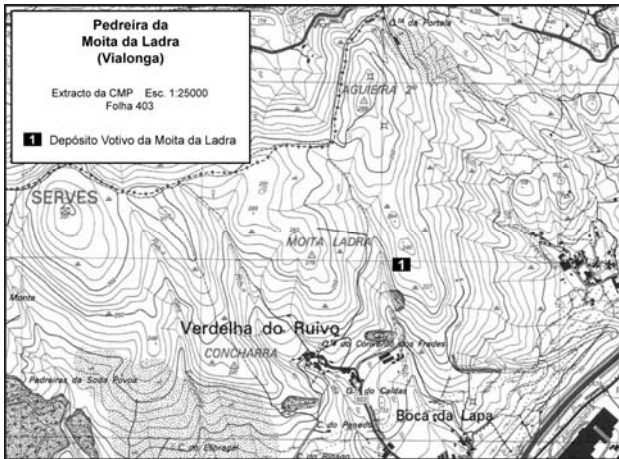


Figura 2 – Localização da área de estudo em extracto da Carta Militar de Portugal, folha 403, IGEOE.



Figura 3 – Área do depósito votivo.

Os trabalhos arqueológicos foram realizados por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda., sob a direcção dos signatários, tendo a escavação sido financiada por ALVES RIBEIRO, S.A. e os estudos por ambas as empresas.

Participaram nos trabalhos de campo os arqueólogos Nuno Banha e Cézer Santos, o técnico de arqueologia Emanuel Carvalho e três trabalhadores indiferenciados fornecidos pelo dono-de-obra.

Encontram-se a colaborar no estudo dos materiais recolhidos neste sítio os seguintes investigadores:

- António Monge Soares, do IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL: datação por radiocarbono (ossos, conchas e carvões);

- Pedro Valério, do IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL: análise dos bronzes;

- António Gonçalves, na análise da conta de colar, IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL;

- Cleia Detry, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: estudo da fauna mamalógica e malacológica;

- Guilherme Cardoso, arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa: apoio científico no estudo geral do espólio.

No âmbito dos trabalhos arqueológicos executados entre 2003 e 2006, dirigidos por João Luís Cardoso e João Carlos Caninas, nos quais participou Mário Monteiro, foram realizados diversas sondagens mecânicas nos terrenos que viriam a ser afectadas pela ampliação da pedreira (Figura 4), tendo como finalidade identificar eventuais vestígios arqueológicos.

Em Novembro-Dezembro de 2003 executou-se a desmatagem e decapagem mecânica da camada vegetal superficial, com cerca de 10 cm de espessura, em toda a encosta da extremidade NO da propriedade, que iria ser afectada pela ampliação da pedreira. Face à proximidade com dois covachos do Bronze Final (escavados entre as sondagens 3 e 4 – Figura 4) e à densidade do coberto herbáceo, optou-se então pela metodologia acima referida.

No decurso dos trabalhos identificou-se uma pequena mancha com vestígios arqueológicos que se associou a uma eventual lixeira, dada a diversidade dos materiais, possivelmente relacionada com um povoado da Idade do Bronze, que se presume se encontre para norte nas cotas mais elevadas, e com os referidos covachos escavados poucos metros a SE.

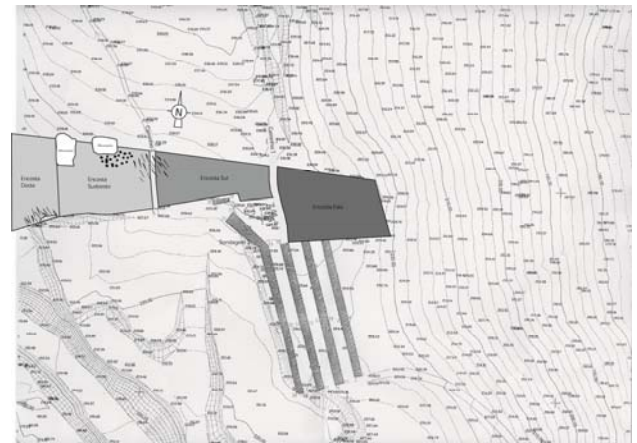


Figura 4 - Croqui executado em 2003 referente aos trabalhos de sondagens e decapagem.

No local (Figura 4, na encosta Sudoeste), junto a um afloramento calcário, aflorou o topo de uma camada com uma significativa quantidade e variedade de materiais atribuíveis ao Bronze Final.

Ainda no âmbito da decapagem, a Este dos vestígios supra mencionados, identificou-se uma concentração de fragmentos cerâmicos no Caminho 2 (ver Figura 4), envolvidos na camada vegetal. -se que os materiais

rareavam para Sul deste local, sendo as cerâmicas de menores dimensões e mais roladas, pelo que se concluiu serem materiais arrastados pelas chuvas e pelos trabalhos agrícolas (segundo informação de um habitante local, e trabalhador da pedreira, até aos anos de 1970-1980 aqueles terrenos eram utilizados como seara).

De igual forma se identificou uma mancha com fragmentos cerâmicos junto de uma corta da pedreira (ver encosta Oeste na Figura 4). Neste local os materiais surgiam com alguma frequência, sendo na maioria cerâmicas de pequenas dimensões e roladas, presentes na camada vegetal. Aparentemente, estes materiais teriam também origem no arrasto causado pela pluviosidade e pelos trabalhos agrícolas. Todavia, dado o facto de se encontrarem junto de um afloramento, tal como os covachos e o sítio em estudo, considerou-se aquele um local com elevado potencial arqueológico.

Colocou-se a possibilidade de existir um povoado com ocupação entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro nas cotas mais elevadas, situação reforçada pela existência de raros materiais de superfície no monte localizado a Norte.

2. A ocupação humana na pedreira “Moita da Ladra”

Entre 2003 e 2009 os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na pedreira “Moita da Ladra” revelaram importantes vestígios arqueológicos que atestaram a ocupação humana ao longo da linha de cumeada desde o Neolítico Antigo até à Idade do Bronze Final ou, possivelmente, até à I Idade do Ferro (Figura 5).

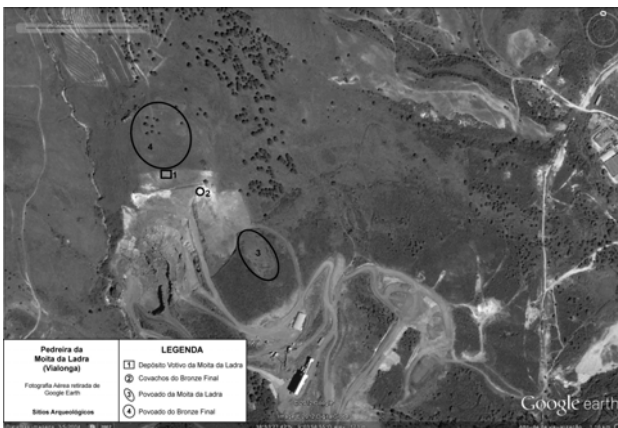


Figura 5 – Sítios arqueológicos na Pedreira “Moita da Ladra”, imagem extraída do Google Earth.

Formando uma cumeada que se destaca para sul das colinas onde se enquadra, entrando sobre o vale do Rio Tejo, situação que lhe concede um amplo domínio visual sobre este vale, principalmente para jusante (Figura 6), o local é delimitado a Oeste pelo vale da Ribeira da Alfarrobeira e a Este pela Ribeira da Verdelha, formando estas ribeiras encostas de declive acentuado e, por conseguinte, de difícil acesso. Na vertente sul, defronte para o rio Tejo, uma longa encosta permitiria o acesso ao

local com relativa facilidade, mas tal aproximação seria facilmente detectada (Figuras 7 e 8).

O relevo apenas permite um fácil acesso pelo lado Norte, o que, em caso de instabilidade, confere ao sítio, conjuntamente com o fácil controlo do vale do Tejo (via natural de circulação), uma localização estratégica de suma importância como local de fixação humana.

Igualmente determinante terá sido a riqueza do espaço envolvente em recursos básicos, como a água, nas ribeiras, o peixe e o marisco propiciados pelo rio Tejo, a caça nas matas adjacentes e as matérias primas (pedra, madeira e argila).



Figura 6 – Vista do vale do Tejo para jusante, a partir do local onde se encontra o depósito votivo.

A conjugação de todos estes factores terá concedido ao local características excepcionais, que, para as antigas comunidades humanas, seriam certamente primordiais na escolha do lugar de fixação.

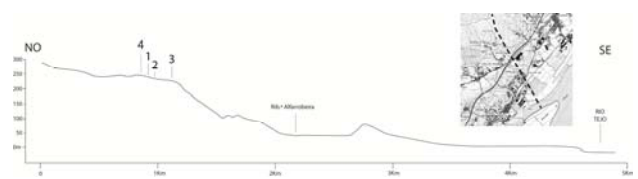


Figura 7 - Diagrama de altitudes dos sítios arqueológicos na Pedreira “Moita da Ladra”. (a numeração corresponde aos sítios indicados na Figura 5)

As primeiras informações sobre vestígios arqueológicos naquele local devem-se a Rui Parreira, que em 1985 refere a presença de um povoado do Neolítico Final/Calcolítico “na crista de elevações entre o Forte da Aguieira e a Boca da Lapa” (PARREIRA, 1985, p. 113), ao qual atribuiu a designação “Fortes”, dado haver referências à existência de um forte das linhas de Torres Vedras no local.

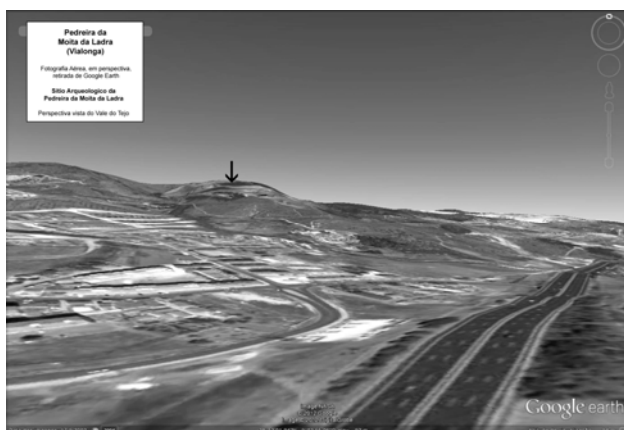


Figura 8 – Colina da Pedreira “Moita da Ladra” em perspectiva vista do vale do Tejo, imagem extraída do Google Earth.

Em 2003 deu-se início a uma campanha de sondagens arqueológicas no sítio (dirigidas por João Luís Cardoso e João Carlos Caninas), localizado no topo da chaminé vulcânica, tendo-se colocado a descoberto vestígios de um povoado do Calcolítico Pleno que, dada a importância dos vestígios identificados, determinaram a escavação integral do sítio arqueológico, dando-se os trabalhos por concluídos em 2006 com o desmonte das estruturas escavadas. Subjacente à presença calcolítica foram ainda identificados vestígios de uma ocupação do Neolítico Antigo numa pequena área localizada no lado sul-ocidental do povoado, confirmando o elevado valor científico do sítio.

Identificaram-se também dois covachos, a Norte do povoado, tendo ambos sido escavados em 2003, contendo o mais pequeno, e melhor preservado, dois vasos sobrepostos, ambos cheios de cinzas, e o maior fragmentos cerâmicos e ossos de animais. As formas dos vasos permitiram atribuir ao sítio uma cronologia do Bronze Final, ficando contudo a dúvida quanto à tipologia do sítio – depósito votivo ou necrópole – conforme recentemente foi comunicado por João Luís Cardoso, no Colóquio “Sistemas de Povoamento do Centro e Sul do Território Português no decurso do Bronze Final”, que decorreu em 23 de Outubro de 2012 na Fábrica da Pólvora em Oeiras. As dúvidas quanto à tipologia do sítio fundamentam-se na ausência de ossos humanos entre as cinzas, no covacho menor, e à presença de ossos de animais, no covacho maior.

Posteriormente, face à necessidade de proceder à descoberta de uma faixa de terreno na base da encosta a NO dos referidos covachos, decidiu-se, como medida preventiva, realizar previamente uma decapagem mecânica cuidadosa com o objectivo de remover cerca de 10 cm de solo, eliminando-se assim a camada vegetal com raízes. Esta acção permitiu identificar escorrências de fragmentos cerâmicos, pequenos e rolados, provenientes das cotas mais elevadas ao longo de um antigo caminho (Caminho 2, na Figura 4). Os fragmentos cerâmicos, ainda que incaracterísticos, tinham pastas idênticas às dos vasos exumados nos covachos e conjuntamente com estes observavam-se, com menor

frequência, cerâmicas de uma tonalidade completamente distinta, de um laranja muito forte, que por norma se identificam em sítios da I Idade do Ferro. Esta situação, aliada ao facto de anteriormente se terem identificado raros fragmentos cerâmicos à superfície, colocou a possibilidade de existir na encosta ou no topo do monte um povoado da Idade do Bronze final - Idade do Ferro. Durante a decapagem, na base de um afloramento calcário, identificou-se uma pequena mancha de materiais variados, incluindo ossos, conchas, cerâmica (incluindo um fragmento de bordo com superfície brunida) e um fragmento de bronze, julgando-se então que seria uma lixeira no exterior do suposto povoado do Bronze final, dada a diversidade dos vestígios.

Admite-se que os dois covachos escavados em 2003 se encontrem associados ao depósito votivo que agora se apresenta, dado que quer as formas quer o tipo de pastas e acabamentos dos vasos são idênticas em ambos os sítios. É provável que o povoado da Idade do Bronze final se encontre no topo do monte e/ou ao longo da suave encosta virada para o Tejo (Figura 5, n.º 4). As características do terreno (com destaque altimétrico, amplo domínio visual e difícil acesso) e a riqueza em recursos condizem com o padrão de povoamento identificado neste período, sendo de mencionar que no histórico das fotografias aéreas existentes no Google Earth fica a ideia de haver uma linha ovalada que delimita o topo do monte, ainda que no terreno esta não seja perceptível.

Será ainda de referir que a designação “Fortes”, atribuída por Rui Parreira (PARREIRA, 1985, p. 113) ao povoado da Moita da Ladra, relaciona-se com a existência no sítio de um forte (assinalado no mapa de Brandão Sousa), pertencente às linhas de Torres Vedras, do qual diz já não existirem vestígios. De facto, no decurso das escavações do povoado calcolítico, em cujos trabalhos participou um dos signatários (Mário Monteiro), observou-se um troço de muro em pedra seca que foi considerado como muro de divisão de propriedade, dada a má qualidade da construção. Este muro situava-se na extremidade Este do monte, sobre a vertente, e sobrepunha-se à muralha do povoado calcolítico de onde foi retirada a pedra utilizada neste. A ser uma estrutura militar, e considerando o tipo de construção ali observado, não seria certamente um forte mas sim um reduto onde estaria um contingente militar ou mesmo uma bateria. Pela posição em que se encontra faria certamente comunicação entre o Forte da Aguieira, a Norte, e os fortes situados a Sul (entre os quais não há visibilidade). A testemunhar esta ocupação apenas se encontrou um botão de uniforme militar inglês, pelo que se mantêm reservas quanto a ser o referido muro o que resta da estrutura militar assinalada por Brandão de Sousa.

3. A escavação do depósito votivo

Os trabalhos de escavação na área do depósito votivo, sob a direcção dos signatários, tiveram a participação de Nuno Banha e Emanuel Carvalho. Em campo, houve

ainda uma acção de formação (Figura 9), dada por Cézer Santos, com a finalidade de ensinar a técnica de aplicação da cola acrílica *Plextol B500 Lascaux*. Esta cola aplica-se sobre película de gaze, que envolve os materiais a remover, e após secagem possibilita a sua remoção em conexão, sendo reversível aquando do restauro.

Após a implantação de uma quadriculagem com 5 m x 5 m na área de incidência dos vestígios identificados, com um dos eixos orientado a Norte, iniciaram-se os trabalhos de limpeza da camada superficial, tendo sido removida a terra solta e o coberto herbáceo, e recolhidos os poucos vestígios materiais observados à superfície.

A escassos centímetros abaixo da superfície surgiram os primeiros vasos quase intactos, pelo que se tornou evidente a presença de um conjunto arqueológico excepcional, o qual, apesar do deficiente estado de conservação, permitiu a recolha de alguns exemplares notáveis.

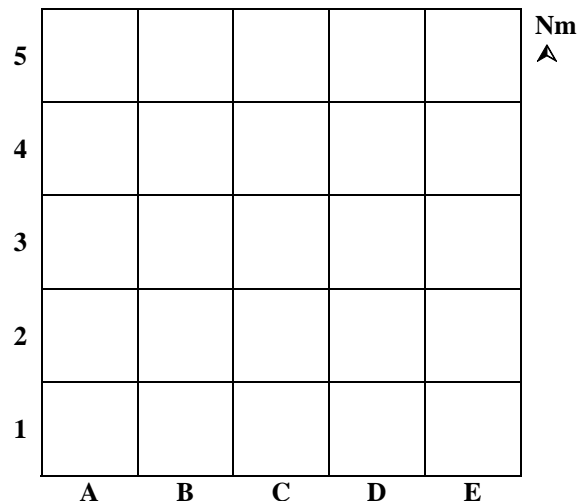


Figura 9 – Acção de formação com Cézer Santos, em primeiro plano, e André Pereira.

Optou-se então por criar uma quadriculagem métrica numerada no eixo Sul-Norte de 1 a 5, tendo-se atribuído ao eixo Oeste-Este designações alfabéticas para cada quadrado, de A a E (ver esquema seguinte). Este procedimento permitiu assegurar um registo tridimensional pormenorizado durante os trabalhos de escavação, bem como um registo gráfico mais preciso.

Posteriormente houve necessidade de alargar a escavação manual na envolvente da área quadriculada, tendo como objectivo determinar se o sítio arqueológico se expandia para além da mancha identificada, o que não se verificou.

Os trabalhos de escavação tentaram seguir, dentro das limitações impostas pelas tentativas de conservação do numeroso espólio densamente concentrado, o método *Barker-Harris*, ou seja, por unidades estratigráficas (U.E.), seguindo um compromisso entre camadas naturais e níveis artificiais.



Esquema de quadriculagem da área de escavação.

A escavação foi realizada integralmente de forma manual e desenvolveu-se em profundidade até atingir o substrato geológico. Todas as terras retiradas da área do depósito votivo foram passadas num crivo com malha de 3 mm.

Logo após a decapagem da camada superficial ficou inteiramente circunscrita uma mancha de solo, encaixada na rocha calcária e preenchendo uma depressão natural, contendo cerâmica e fauna abundantes, numa área com aproximadamente 4 m de comprimento por 3 m de largura (Figuras 10 e 11).



Figura 10 – Depósito votivo após a definição das camadas de topo.

No início dos trabalhos de escavação, e dado o risco de eminente fragmentação dos vasos *in situ*, cada vez mais evidente, optou-se por fazer a sua remoção com recurso à cola acrílica *Plextol B500 Lascaux*, recomendada como sendo a menos agressiva para os materiais em questão. O processo consistiu no envolvimento dos vestígios cerâmicos em sucessivas camadas de gaze de algodão, seguidamente coberta a pincel com a cola acrílica. Após secagem, foi fácil remover os vasos inteiros ou quase inteiros e em fragmentos de grandes dimensões. Muitas vezes, dado o minucioso (e moroso) trabalho de escavação para remoção dos vasos, foi necessário repetir este processo, conforme se ia escavando em volta dos vasos, no sentido de evitar a sua fragmentação imediata após a exposição ao ar.



Figura 11 - Depósito votivo após a definição da camada de topo.



Figura 12 - Boca da toca após definição e início da U.E.[05].

3.1. Unidades estratigráficas

A elevada densidade de vasos, de grandes fragmentos cerâmicos e de fauna, que preenchiam todo o depósito, associada à uniformidade da maioria dos sedimentos e à metodologia que foi necessário adoptar para a remoção das cerâmicas, dificultou a identificação de unidades diferenciadas, sobretudo no que concerne à U.E. [02].

No espaço apenas terá havido uma intrusão pós-deposicional causada pela abertura de uma toca de animal (abandonada) entre a data da descoberta do sítio e o da sua escavação (2003-2009). Face à grande dimensão da toca e ao complexo de túneis que, aparentemente, se encontra associado, deverá ter sido feita por um texugo, que, aproveitando os calcários brandos e a profundidade de sedimentos, ali se instalou durante uns tempos. Tanto quanto sabemos, o texugo vive em complexos de tocas (ou texugueiras) escavados no solo, que consistem num sistema de túneis com múltiplas câmaras em diferentes níveis, que atingem centenas de metros de comprimento e diversas saídas. Felizmente, o “nosso” texugo terá ali vivido por pouco tempo, dado só ter feito dois túneis (U.E's [05] e [06]), e apenas afectou o extremo Este do depósito votivo.

A U.E.[05] corresponde a uma vala irregular, de orientação N-S, que liga a boca da toca (Figura 12) ao túnel correspondente à U.E. [06], que atravessou e revolveu o extremo Este do depósito votivo.

A U.E.[06] é uma vala de orientação NO-SE, de secção sub-quadrangular com ângulos quase rectos na base. Tem início no extremo SE do depósito votivo e desenvolvimento para SE. A forma da vala, em secção, sugere a hipótese de ter uma génese antrópica, embora de finalidade indeterminada. Durante o acompanhamento da descoberta mecânica do terreno não foi possível detectar a existência desta estrutura tendo sido cortada até à zona de segurança deixada em torno da área de escavação. Por este motivo, desconhece-se o seu desenvolvimento para além do sector onde se conservou. Porém, presume-se que tenha sido afectada num curto troço. A associação da vala ao depósito votivo (para drenagem?) é muito duvidosa ainda que plausível. Poderá tratar-se de uma vala relacionada com a prática agrícola. Com desenvolvimento paralelo à vala detectou-se um rasgo irregular que parece corresponder a uma marca de arado (Figura 13). A referida vala pode ter sido aberta com uma enxada no âmbito dos trabalhos agrícolas. Será de referir que na superfície da rocha, imediatamente a Oeste do depósito votivo, se observaram rasgos paralelos que poderão ter origem na passagem de arado em volta do afloramento calcário (Figura 14). Tal situação foi observada no povoado calcário da Moita da Ladra, onde as tais marcas, nos blocos pétreos, indicavam o local onde o arado invertia o andamento.



Figura 13 - Vala correspondente à U.E.[06] e, paralelamente, rasgo irregular.



Figura 14– Marcas de arado.

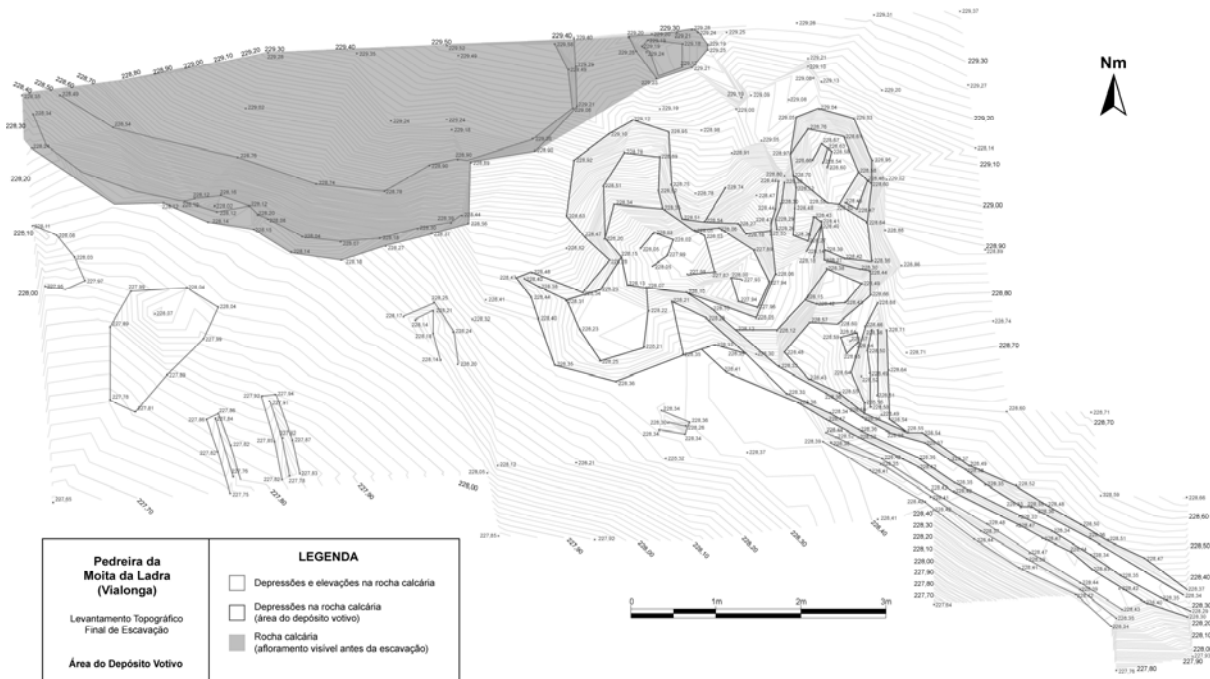


Figura 15– Levantamento topográfico, Final de escavação.

No que concerne aos perfis estratigráficos, optou-se pela representação daqueles que fossem expressivos relativamente à morfologia da depressão no substrato geológico e das principais camadas que o preenchiem (Estampa 3).

A remoção cuidadosa dos vasos *in situ* e a abundância de fauna, materiais que se apresentavam concentrados de forma densa na área de escavação, tornaram difícil o registo gráfico de campo. Por esse motivo, e no que diz respeito à elaboração das plantas, optou-se por efectuar o registo gráfico de campo em dez fases, diferenciadas alfabeticamente (Estampas 1e 2).

Após a conclusão da escavação efectuou-se o levantamento topográfico (Figura 15) e fotográfico da irregularidade da rocha calcária na área do depósito votivo.



Figura 16 –Perfil estratigráfico Norte-Sul de B.1 a B.5.

Como já referido, a grande densidade do espólio, o seu mau estado de conservação geral, a necessidade de remoção do espólio recorrendo a Plectol e a uniformidade

dos sedimentos foram factores que dificultaram a atribuição de U.E.'s, o que deu origem a uma unidade de grande dimensão, a U.E. [02], que envolve as unidades diferenciadas. Esta unidade corresponde certamente à acumulação de diversos episódios, todavia foi impossível diferenciá-los de forma objectiva (Figura 18).

O mesmo se passou com as unidades [03] e [04], cuja separação se deve exclusivamente ao facto de no topo se encontrarem separadas pela U.E.[02].



Figura 17 – Área do perfil estratigráfico Oeste-Este em A.3 a E.3.

No total, foram identificadas 17 unidades estratigráficas, correspondendo a duas estruturas negativas e quinze camadas de sedimento.

A camada de superfície, identificada como U.E.[01], encontrava-se sob denso coberto herbáceo e era constituída por um sedimento orgânico com raízes abundantes, cobrindo toda a área de escavação com continuidade para a área envolvente. De modo a registar a potência da U.E.[01] e a diferenciar as diferentes fases de trabalho, estabeleceu-se como U.E.[01a] a camada removida mecanicamente em 2003 e como U.E.[01b] a camada escavada manualmente em 2009.

A U.E.[02] preenchia a depressão natural no afloramento calcário, embalava abundantes materiais arqueológicos, com principal incidência na área central, e envolvia as unidades [03], [04], [07], [09] e [11].



Figura 18 – Topo das U.E.'s [02], [03] e [04].

As unidades [03] e [04] eram camadas de sedimento muito semelhantes à U.E.[02], cuja diferença em relação a esta última residia no facto de possuírem tonalidade mais enegrecida, resultante, talvez, da contaminação com matéria orgânica (fauna e carvões) nelas existente. Englobavam materiais cerâmicos muito abundantes, com alguns vasos inteiros, fauna mamalógica e malacológica e alguns artefactos de metal.



Figura 19 – Quartos traseiros na U.E. [04].

Envolvida na U.E.[04] identificou-se uma deposição *in situ* que testemunha um momento específico da utilização do espaço e reforça a hipótese da sua função ritual e votiva. Trata-se da deposição das patas anteriores de uma ovelha (*ovis aries*), em posição anatómica (ver Figura 26), estando em associação com vasos e outra fauna (Figura 19).

As U.E.'s [05] e [06], correspondentes às já referidas estruturas negativas escavadas no calcário brando (Figura 20), estavam preenchidas com um sedimento orgânico equivalente à U.E.[01].

A U.E.[07] correspondia a uma bolsa localizada sob a U.E.[03], de uma eventual área de combustão, muito espalhada, dada a abundância de carvões vegetais, que lhe conferem uma coloração muito enegrecida e acinzentada.

Tal como as U.E.'s [03] e [04], incluía abundantes materiais arqueológicos cerâmicos, restos de fauna mamalógica e malacológica e alguns fragmentos de artefactos metálicos. Esta unidade corresponde a um momento diferenciado de utilização do espaço como local de combustão (Figura 21).



Figura 20 – Extremo Oeste da U.E.[06] e ponto de entroncamento com a U.E.[05].



Figura 21 – U.E. [07].

As U.E.'s [08a], [08b] e [08c] correspondem a manchas disformes que resultaram da presença de calcário apodrecido, proveniente de escorrimento a partir do afloramento calcário. Os materiais arqueológicos eram raros e encontravam-se apenas na U.E.[08a], admitindo-se que correspondam a intrusões a partir das camadas envolventes.

A mancha de combustão correspondente à U.E.[09], identificada nas quadrículas C.3/D.3, e a contaminação do sedimento envolvente, correspondente à U.E.[11], poderão indicar uma área de fogueira estruturada, cujos blocos delimitadores se encontravam desordenados (Figura 22) onde, entre outros ecofactos, predominavam os restos de bivalves. Formava uma bolsa de coloração castanha escura com laivos acinzentados, pouco compacta, com matéria carbonizada. A presença de

cerâmicas, de fauna mamalógica, de líticos e de metais era rara, podendo corresponder a infiltrações de materiais provenientes das camadas envolventes. Atendendo ao contexto, é crível que documentasse um momento específico, de uma refeição cerimonial. Encontrando-se claramente associada, a diferenciação na coloração da U.E.[11] é resultante da contaminação originada pela dissolução e infiltração dos carvões da U.E.[09].

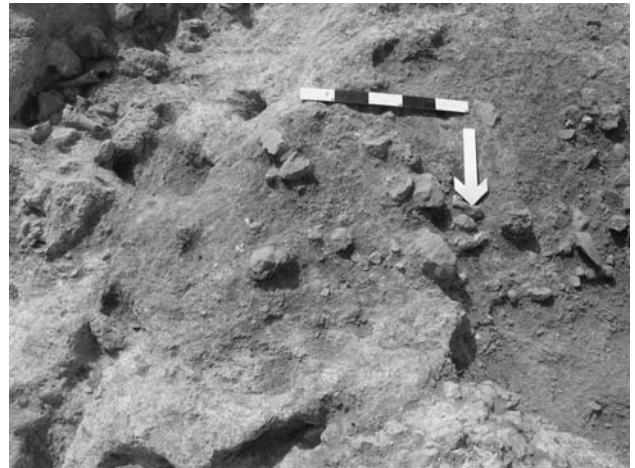


Figura 22 – U.E. [09] e U.E.[11].

A U.E.[10] era uma camada esbranquiçada, situada na área Este do depósito votivo, sobre o afloramento calcário, composta essencialmente por carbonato de cálcio, que por ter resultado da desintegração da rocha por infiltração de água. Esta camada não continha materiais arqueológicos.

A U.E.[12] era constituída por sedimento areno-argiloso compacto, com alguns carvões, de coloração castanha, sendo semelhante à U.E.[04], pelo que poderia tratar-se de uma mesma unidade, embora com menor quantidade de fragmentos cerâmicos e de fauna (Figura 23). Nesta camada foi recolhido o único fragmento de cerâmica com cronologia atribuível ao Calcolítico Final, exibindo decoração campaniforme, o qual pode indicar a presença de vestígios do paleosolo antecedente à ocupação no Bronze Final.



Figura 23 – U.E. [12].

A U.E.[13], situada na quadrícula D.2, correspondia a um sedimento de coloração castanha clara que preenchia uma irregularidade na rocha. Continha alguma fauna mamalógica e malacológica e fragmentos cerâmicos. Num plano mais elevado, destacava-se nesta unidade um conjunto de ossos (de pata de vaca), dispostos aparentemente de modo organizado, que podem corresponder a um depósito preservado *in situ* (Figura 24) e documentar um dos primeiros momentos de utilização do espaço.



Figura 24 – U.E. [13].

As U.E.'s [14a] e [14b], ambas constituídas por sedimentos de coloração castanha escura, preenchiam a zona mais profunda da depressão na rocha, encontrando-se separadas pela U.E.[08c], pelo que correspondem a duas realidades diferenciadas. Apenas a U.E.[14a] continha alguns materiais arqueológicos (cerâmica e fauna), mas estes podem ser resultantes de intrusões provenientes da camada correspondente à U.E.[04].

Apesar da contaminação ocorrida entre camadas e da disposição quase integralmente caótica do espólio arqueológico, estamos cientes de que este seja um conjunto preservado.

3.2. Espólio

De modo a proporcionar uma visão de conjunto dos vasos e a estabelecer uma relação entre diferentes fragmentos e a sua posição no depósito, efectuou-se a numeração, sobre fotografia, dos vasos na sua posição de jazida (Figura 25), com aplicação nas representações gráficas. Como resultado obteve-se o número aproximado de 50 vasos.

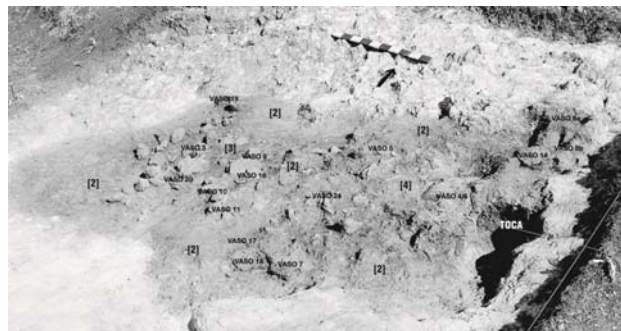


Figura 25 – Numeração sobre fotografia de vasos *in situ* nas camadas superiores.

A fauna, mamalógica e malacológica, era também abundante e encontrava-se em associação com as cerâmicas. Em contraste com a dispersão geral da cerâmica, de modo aparentemente caótico, destacam-se duas deposições, anteriormente referidas nas U.E.[04] e U.E.[13]; referimo-nos às patas anteriores de uma ovelha (Figura 26) e a um conjunto de ossos de pata de vaca (Figura 27), classificados por Cleia Detry.

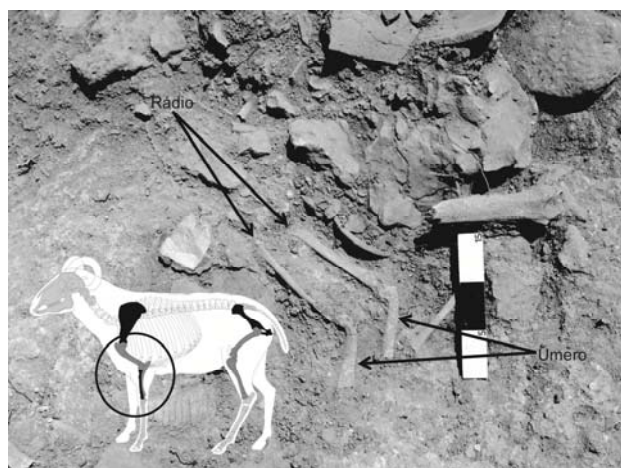


Figura 26 – U.E. [04] ossos em deposição anatómica, duas patas anteriores de ovelha (*Ovis aries*).



Figura 27 – U.E.[13] Conjunto de ossos de pata de vaca (*Bos sp.*) *in situ*.

O espólio metálico é raro, sendo constituído sobretudo por fragmentos de elementos de adorno, para vestuário, em bronze (fíbulas, alfinetes, argolas e fragmentos indeterminados), distribuídos um pouco por todas as U.E.'s. A presença de fragmentos de ferro é muito rara, indiciando uma coetaneidade com a tecnologia do ferro.

O material lítico é constituído, sobretudo, por restos de talhe em sílex, em quartzito e em quartzo, entre os quais se encontra um fragmento de lamela em sílex. Atendendo à ocupação da Moita da Ladra desde o Neolítico Antigo, poderá dar-se o caso destes materiais serem oriundos de escorrências ou terem estado misturados com a terra que foi atirada intencionalmente sobre os depósitos votivos.

Entre o espólio lítico foram ainda exumados uma conta de colar em moscovite e quatro fragmentos de distintas placas de calco-arenito. Sendo o calco-arenito uma matéria que não existe no local, a sua origem pode situar-se a Norte e Moita da Ladra, onde se conhece a existência desta matéria. Duas placas não apresentam vestígios de utilização, uma terceira tem uma face com polimento e a quarta encontra-se polida nas duas faces. O facto de ser matéria trazida do exterior (tal como o sílex, o quartzo e o quartzito) indica que teria uma funcionalidade específica, possivelmente para afiar o gume de artefactos metálicos, o que poderá explicar o polimento de duas daquelas placas.

A distribuição aleatória do espólio lítico e metálico sugere que tais peças não integravam deposições votivas, sendo, mais provavelmente, peças perdidas e/ou que se encontravam envolvidas nas terras utilizadas no encerramento do espaço, após cada uma das cerimónias que ali terão sido realizadas.

Deste modo, considera-se que as deposições votivas seriam constituídas exclusivamente por vasos e alimentos.

Do espólio cerâmico recolhido foram seleccionados, para desenho, os oito vasos (Figura 28) que se encontravam em melhor estado de conservação e que permitiram realizar um estudo prévio sobre as formas presentes neste depósito.

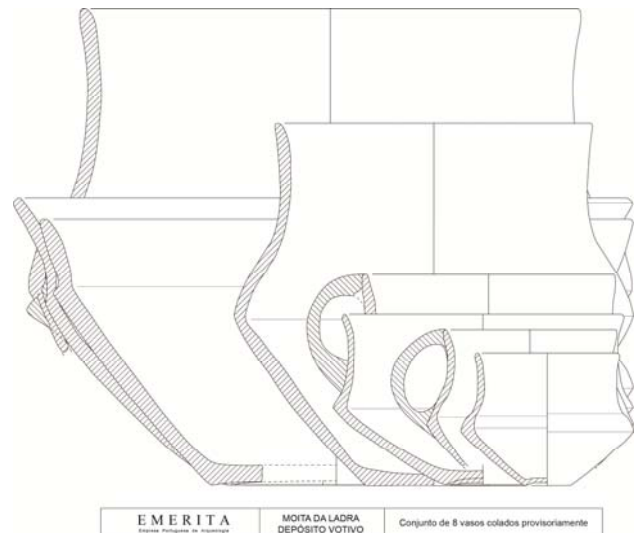


Figura 28 – Conjunto dos oito vasos estudados.

3.2.1. Materiais metálicos

Os materiais metálicos são raros, encontram-se muito fragmentados e estão distribuído um pouco por todas as U.E.'s. Numa primeira análise parecem ser na quase totalidade peças de adorno, usadas sobre vestuário. A presença de fragmentos de ferro é rara.

O estudo detalhado e a representação gráfica destas peças será efectuada após a conclusão das análises químicas e da estabilização e restauro.

Peças em bronze

O espólio em bronze é constituído por cinco fragmentos indeterminados, dois alfinetes ou agulhas, fragmentados (Figura 29), cinco argolas (Fotografias 41 e 42), completas (uma das quais fragmentada em duas partes) e quatro fragmentos de fíbulas, sendo que uma delas apesar de muito fragmentada poderá estar completa (Figura 31).

Presentes no acervo metálico ocorrem também pequenas placas de bronze que podem corresponder a artefactos de adorno.



Figura 29 – Exemplo de alfinete ou agulha in situ.

As argolas de bronze (Figura 30) condizem com artefactos multifuncionais, de adorno ou pertencentes a sistemas mecânicos mais complexos, sendo comuns a contextos da Idade do Bronze, habitacionais ou funerários, documentados de Norte a Sul do território continental.



Figura 30 – Exemplo de argola.

Salientam-se quatro fragmentos de fíbula, sendo uma claramente pertencente a uma peça de enrolamento no arco (Figura 30), idêntica às descobertas na Roça do Casal do Meio, no Cabeço do Crasto de S. Romão, em Santa Luzia e na Senhora da Guia, no território nacional, que Salete da Ponte (PONTE, 2006) coloca nos séculos XI a X a.n.e. em Huelva e, mais tarde, em Sesimbra, com balizas cronológicas apontadas entre o século X e a primeira metade do século IX. Esta tipologia também está representada além-Pirenéus, revelando intercâmbios peninsulares e extra-peninsulares e, de igual modo, relações com o Mediterrâneo oriental (CARDOSO, 1995; SENNA-MARTÍNEZ, 1994).

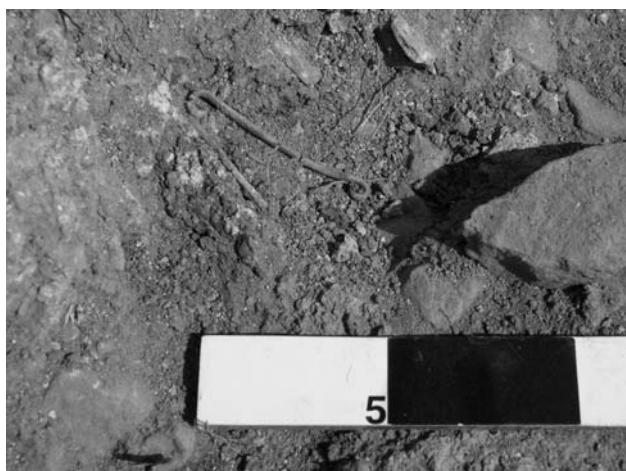


Figura 31 – Fíbula melhor conservada, in situ.

Peças em ferro

Foram recolhidos apenas dois fragmentos de ferro e um pedaço de escória ferruginosa, não sendo possível determinar a função das peças no actual estado do estudo dos materiais.

3.2.2. Líticos

Os materiais líticos são constituídos, quase exclusivamente, por lascas e restos de talhe, com dez fragmentos de sílex e dez fragmentos de quartzo (Figura 36). Para além destes foi recolhido um resto de talhe de quartzito.



Figura 32 – Restos de talhe em quartzo e quartzito (duas primeiras linhas) e em sílex.

Entre o espólio lítico merece destaque um fragmento de lamela de sílex e uma conta de colar de moscovite, esta última em fase de análise química.

O conjunto lítico integra quatro fragmentos de placas de calco-arenito, duas delas com vestígios de uso, uma com polimento numa face e a outra polida nas duas faces, tendo incisões numa das faces (Figura 37). As duas restantes placas não apresentam vestígios de utilização. Sendo esta matéria-prima compacta e abrasiva, tais peças poderiam ter como função afiar o gume de artefactos metálicos, como parecem indicar as incisões presentes na face de uma das placas.



Figura 33 – Placa em calco-arenito com as duas faces polidas, face com incisões.



Figura 35– Exemplar de fauna mamalógica.

3.2.3. Fauna

De acordo com estudo preliminar de Cleia Détry, até ao momento foram identificadas cinco espécies: ovelha, cabra, vaca, porco e veado. Os ovicaprinos (ovelha e cabra) constituem 52% da amostragem, a vaca 31% e o porco 4%. A presença de veado é diminuta, (cerca de 13%) pelo que se conclui que a população era dependente, principalmente, das espécies domesticadas, havendo contudo caça de grande porte.

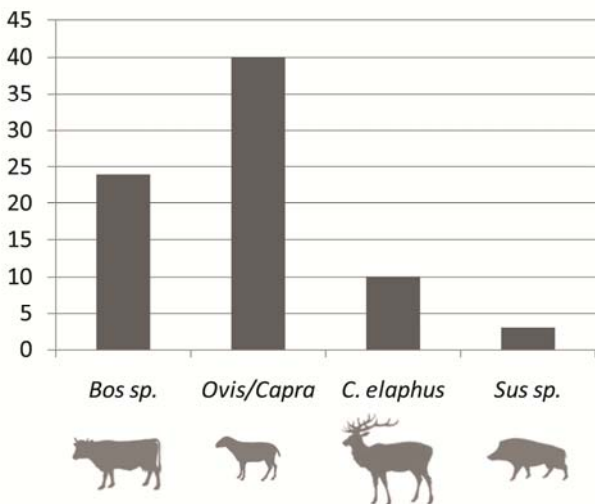


Figura 34 - Mamíferos - Número de restos determinados, sobre um total de 77 ossos

Sendo muito abundante e diversificada, a fauna mamalógica (Figura 35) e malacológica (Figura 36) estava presente em todas as unidades que continham artefactos arqueológicos.

Há a possibilidade de alguns dentes e ossos serem humanos, todavia, tal como a restante fauna, estes encontram-se em estudo, não havendo ainda dados concretos.



Figura 36 – Exemplares de fauna malacológica.

Neste conjunto destacam-se as já mencionadas deposições, ou sejam, na U.E.[04] as patas anteriores de ovelha em posição anatómica e na U.E.[13] um conjunto de ossos de pata de vaca dispostos de modo organizado.

Na opinião do doutor António Monge Soares, alguns ossos apresentam uma coloração provocada por exposição a fogo intenso, efeito que pode ter resultado de terem sido atirados para dentro de uma fogueira após o consumo da carne ou de terem sido ateadas fogueiras sobre aqueles ossos que já se encontravam depositos no local.

Exumaram-se dois fragmentos de fósseis marinhos em calcário. Uma vez que nos calcários locais se observam alguns fósseis será legítimo duvidar da intencionalidade da sua inclusão no depósito votivo.

3.2.4. Cerâmica

As cerâmicas constituem a grande maioria do espólio exumado, predominando os vasos muito fragmentados. Todavia, julgamos que estavam presentes no depósito quase todos os fragmentos de cada vaso, senão todos, circunstância que permitirá efectuar a colagem e o restauro da maioria dos exemplares individualizados.

Foram seleccionados oito vasos que permitiram abarcar várias formas e tipologias (Figuras 28 e 37), tendo sido provisoriamente colados e desenhados.

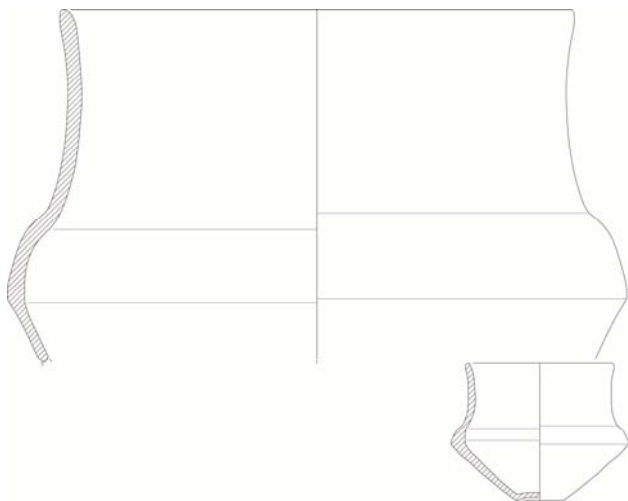


Figura 37 – O maior e o menor dos oito vasos estudados.

Constatou-se que os vasos das camadas de topo e os localizados na extremidade Este se encontravam melhor conservados, estando os das camadas inferiores, principalmente na zona central, maioritariamente em muito mau estado de conservação. Casos havia em que para além da extrema fragmentação se encontravam esmagados bojo contra bojo, como se fossem duas “bolachas” sobrepostas, pertencentes ao mesmo recipiente.

Verificou-se igualmente que os vasos se encontravam posicionados de diversas formas, com a boca para baixo, lateralmente, sobre o fundo, e com inclinações também variadas. Tal facto sugere que foram dispostos de modo aleatório ou, mais provavelmente, que tal se deva a factores pós-depositivos coevos do período em que o depósito foi utilizado.

O estado de preservação do depósito votivo poderá dever-se a diversos factores. Contudo, não é verosímil que a exploração da pedreira e/ou a agricultura tenham tido uma influência directa na afectação do sítio. Tal resulta do facto de se situar em área que não foi atingida pela circulação de máquinas afectas à pedreira, onde não houve arborização (existem pinheiros mansos dispersos pela área da pedreira mas os mais próximos estão a cerca de 30 m de distância) e onde se praticou uma agricultura cerealífera recorrendo a métodos tradicionais e por isso pouco intrusiva. Neste último caso, e reforçando o reduzido impacto causada pela agricultura, a presença do afloramento obrigaria o arado a contornar a área do depósito, situação que parece ser corroborada por rasgos observados no calcário brando, tanto de Este para Oeste como de Norte para Sul, a que se atribuiu como causa provável a passagem do arado.

Deste modo, a pressão exercida sobre o depósito votivo, que pode ser a principal causa do mau estado de conservação dos vasos, não estará relacionada com

actividades desenvolvidas nos últimos séculos, mas com acções contemporâneas da formação deste depósito.

A hipótese mais plausível é a de que o mau estado de conservação das cerâmicas e a própria dispersão caótica destas, tal como dos restantes materiais arqueológicos, esteja relacionada com acções ocorridas durante a utilização deste espaço, no Bronze Final.

Como antes referido, o mau estado das cerâmicas pode ter sido provocado por mais do que um factor: os vasos poderão ter sido intencionalmente partidos no âmbito do ritual, garantindo-se assim que não voltariam a ser utilizados; após o ritual o espaço votivo poderia ter sido selado com terra e pedras; ou, antes do início de uma nova cerimónia, o depósito votivo ocasionado pela cerimónia antecedente poderia ter sido coberto com terra e pedras, com a finalidade de selar aquele episódio e nivelar o terreno para o acto que iria decorrer (estas hipóteses podem responder ao posicionamento aleatório dos vasos, à sua fragmentação e dispersão dos fragmentos, à existência de blocos pétreos dispersos por toda a área do depósito e ao próprio enchimento da depressão onde este se encontrava); a realização de fogueiras sobre os depósitos anteriores terão alterado o estado da cerâmica que ali se encontrava deixando-a fragilizada; a realização das novas cerimónias e o pisoteio dos depósitos anteriores terá acentuado, conjuntamente com outros factores, a fragmentação e o esmagamento dos artefactos jazentes.

A reutilização ritual de um recipiente quebrado, que teria uma menor capacidade de uso ou que estaria inutilizado para o uso doméstico, é patente pelo menos no vaso 32, o qual contém três pares de perfurações para gateamento (Figura 38), sendo também o melhor preservado em todo o acervo cerâmico. O estado de conservação deveu-se não só ao facto de se encontrar de boca para baixo mas principalmente à boa qualidade da cerâmica.



Figura 38 – Vaso 32 com três pares de perfurações para gateamento (após colagem).

Contrastando na qualidade com a maioria dos recipientes ali depositados, coloca-se uma questão: serão os vasos melhor conservados, aqueles que têm uma pasta de melhor qualidade, uma reutilização ritual de recipientes domésticos que se encontravam quebrados? Os vasos mal

conservados para além de poderem estar alterados pela acção das fogueiras ateadas sobre o local onde se encontravam, podem ter sido produzidos para aquele fim específico (o depósito votivo), ocorrendo uma economia tanto na escolha e depuração das argilas como na cozedura dos recipientes.

No que concerne aos acabamentos são notórias as superfícies brunidas, todavia sem vestígios da usual decoração de ornatos brunidos do Bronze Final. Estando as superfícies muito degradadas podem ter desaparecido evidências deste tipo de decoração. Contudo, a elevada quantidade de vasos e os abundantes vestígios de acabamento brunido que se observam, indiciam que no depósito votivo apenas foram utilizados vasos com este tipo de acabamento em toda a superfície exterior ou simplesmente alisados.

Como esta hipótese não pode ser validada no actual estado de conhecimento, o acabamento brunido das superfícies e a ausência de ornatos brunidos (ou de outro tipo de decorações) poderá corresponder a uma tradição local, ou mesmo regional. É certo que o povoado, a existir, não foi escavado, contudo, documentou-se idêntica característica nos vasos exumados nos dois covachos escavados em 2003 e nos frequentes fragmentos cerâmicos observados e/ou recolhidos à superfície e, ainda, no decorrer do acompanhamento arqueológico.

No povoado de Santa Sofia, situado cerca de 10 km para NE, segundo informação dos arqueólogos João Pimenta e Henrique Mendes, também não se identificaram cerâmicas de ornatos brunidos. Certo é que as cerâmicas do Bronze Final aqui exumadas se encontravam dispersas por uma área mais vasta e em mau estado de conservação.

O facto de em ambos os sítios não se terem encontrado cerâmicas decoradas poderá ser circunstancial, mas não se deve excluir a possibilidade de corresponder a uma tradição de expressão local.

Os oito vasos estudados, e mesmo os que se encontram ainda fragmentados, constituem um conjunto uniforme enquadrável no Bronze Final (Figuras 42 a 59).

Em fase de estudo ainda precoce, foram estabelecidos alguns paralelos morfológicos entre o conjunto restaurado e exemplares da chamada “Baixa Estremadura”, da Península de Setúbal, além de pequenas incursões pelo Bronze Final das Beiras.

O estudo dos restantes cerca de 40 vasos, ainda por restaurar, permitirá uma melhor compreensão do conjunto e confirmar ou refutar as conclusões aqui formuladas.

Vaso 1

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. Possui uma asa de fita, partindo do bordo para a carena. O fundo é côncavo, apresentando um ônfalo. A pasta, em relação ao conjunto exumado, parece de boa qualidade e a

superfície externa apresenta-se integralmente brunida, embora de forma rude (Figuras 39 e 40). Indicam-se paralelos morfológicos para este exemplar na necrópole de Tanchaal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e iguais formas e dimensões, embora sem asa, na Lapa do Fumo, em Sesimbra, no Cabeço da Bruxa, em Alpiarça (MARQUES e ANDRADE, 1974), e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978).



Figura 39– Vaso 1 in situ (era o que se encontrava mais próximo da superfície)



Figura 40 – Vaso 1 após colagem.

Vaso 2

Vaso de média dimensão, carenado, de colo alto, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. O fundo é plano. Em relação ao conjunto exumado, a pasta é de média qualidade. A superfície externa apresenta-se alisada ou rudemente brunida (Figuras 41 e 42). Existem paralelos morfológicos, embora com ornatos brunidos, no Monte da Pena, em Torres Vedras (MADEIRA, GONÇALVES, RAPOSO e PARREIRA, 1972), e na Necrópole de Meijão, em Alpiarça (MARQUES, 1972), este incluindo asa. Em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Lapa do Fumo a Baiões, encontram-se recipientes de igual forma (MARQUES e ANDRADE, 1974).



Figura 41 – Vaso 2 in situ.



Figura 42 – Vaso 2 após colagem.

Vaso 9a

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo baixo, ombro curto e bordo recto. O fundo apresenta-se ligeiramente côncavo. A pasta é de boa qualidade, tendo em conta o restante conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se rudemente brunida (Figuras 43 e 44).

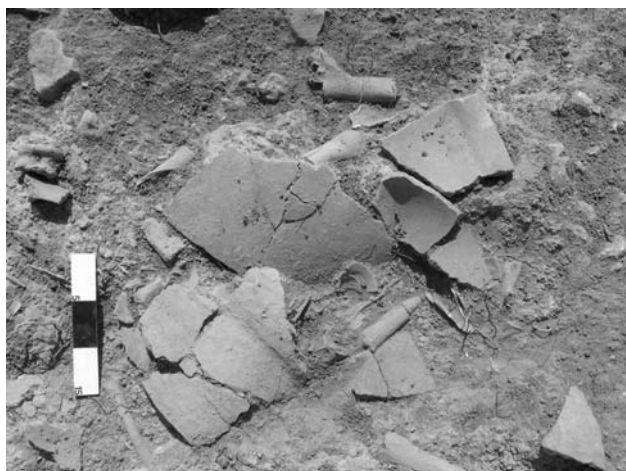


Figura 43 – Vaso 9A in situ (fragmentos à direita).

Existem paralelos morfológicos, mas de dimensões mais reduzidas, no Moinho da Atalaia, Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978), no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994), e em Santa Sofia, Quinta da Marquesa II e Castro do Amaral, em Vila Franca de Xira (PIMENTA e MENDES, 2010/11). De dimensões variadas e maioritariamente com ornatos brunidos na superfície externa, tais formas estão presentes em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Mangancha a Baiões (MARQUES e ANDRADE, 1974).

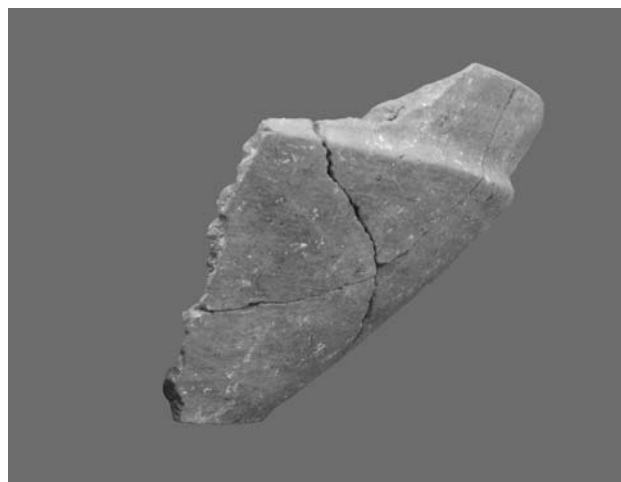


Figura 44 – Vaso 9A após colagem.

Vaso 13

Vaso de muito pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo, bem marcado e bordo esvasado. O fundo apresenta-se côncavo, com ônfalo. Comparativamente ao conjunto recolhido, a pasta é de boa qualidade. A superfície externa apresenta-se brunida (Figuras 45 e 46).



Figura 45 – Vaso 13 in situ.

Os paralelos morfológicos deste recipiente encontram-se na necrópole de Tanchoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978). Outros paralelos

formais, de dimensões variadas, foram documentados em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Lapa do Fumo a Baiões (MARQUES e ANDRADE, 1974).



Figura 46 – Vaso 13 após colagem.

Vaso 29

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. Possui uma asa de fita, partindo do bordo para a carena. Não conserva o fundo. A pasta é de boa qualidade, em relação ao conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se integralmente brunida, mas de modo rude (Figura 47 e 48).



Figura 47 – Vaso 29 in situ.



Figura 48 – Vaso 29 após colagem.

Tal como o Vaso 1, tem paralelos formais na necrópole de Tanchoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e igual morfologia, mas desprovida de asa, na Lapa do Fumo, em Sesimbra, no Cabeço da Bruxa, em Alpiarça (MARQUES e ANDRADE, 1974), e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978).

Vaso 32

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo médio, ombro curto e bordo recto. O fundo é ligeiramente côncavo. Apresenta dois mamilos juntos, com perfurações verticais. A pasta é de boa qualidade em comparação com o conjunto exumado e a superfície externa encontra-se alisada, com alguns vestígios do que poderá ser brunimento. Este vaso foi gateado (com três pares de perfurações) e por esse motivo admite-se que tenha sido reaproveitado de contexto habitacional (Figuras 49 e 50). Existem paralelos morfológicos, de dimensões variadas, e maioritariamente com ornatos brunidos, em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, da Mangancha ao Jardo (MARQUES e ANDRADE, 1974). Nesta fase preliminar do estudo foram também identificados paralelos em povoados da Beira Interior (VILAÇA, 1995).



Figura 49 – Vaso 32 in situ.



Figura 50 – Vaso 32 após colagem.

Vaso 37a+46

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo baixo, ombro recto e bordo esvasado.

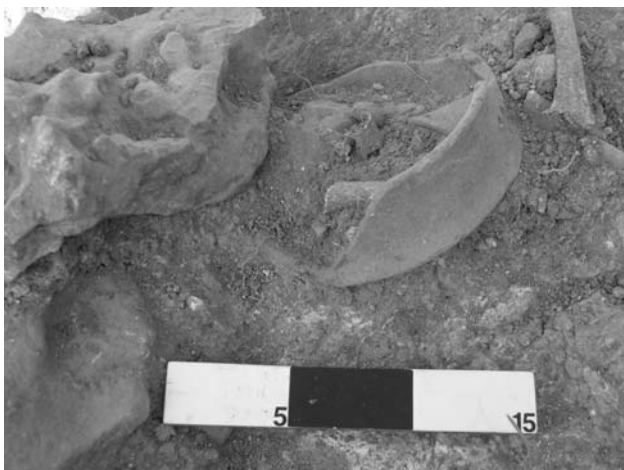


Figura 51 – Vaso 37A in situ.



Figura 52 – Vaso 37A após colagem.

O fundo é côncavo, apresentando ônfalo. A pasta é de boa qualidade, tendo em conta o conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se alisada ou rudemente brunida (Figuras 51 e 52). Identificam-se paralelos morfológicos, de idêntica dimensão, no Monte da Pena, em Torres Vedras (MADEIRA, GONÇALVES, RAPOSO e PARREIRA, 1972), e no Castro do Amaral, em Vila Franca de Xira (PIMENTA e MENDES, 2010/11).

Vaso 45a

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo alto, ombro convexo bem marcado e bordo esvasado. Não conserva o fundo. Em relação ao conjunto cerâmico, a pasta é de fraca qualidade, exibindo vestígios de alisamento na superfície externa (Figuras 53 e 54). Identificam-se paralelos formais, de idênticas dimensões, nas necrópoles de Tanchoal dos Patudos e Meijão, em Alpiarça (MARQUES, 1972).



Figura 53 – Vaso 45A in situ (aparentemente partido em duas partes, à esquerda o fundo, à direita o bordo correspondente à colagem).

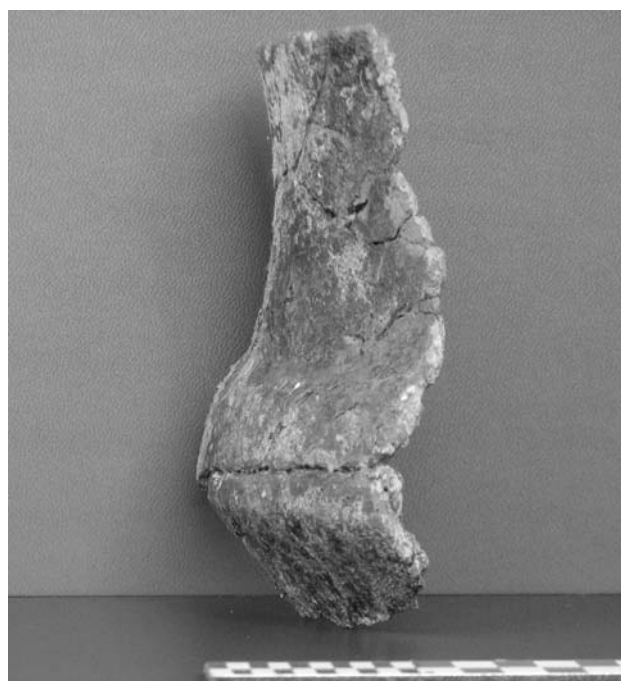


Figura 54 – Vaso 45A após colagem.

Atendendo às características do espólio cerâmico estudado, consistindo em oito vasos num total de mais de 50, o depósito da Moita da Ladra insere-se, cronologicamente, numa 2.^a etapa do Bronze Final da Baixa Estremadura, cerca de séculos X e IX a.n.e., quiçá contemporânea da cerâmica de ornatos brunidos do tipo “Alpiarça” ou “Lapa do Fumo”, tendo as formas cerâmicas maior afinidade com o conjunto publicado por Gustavo Marques (MARQUES, 1972; MARQUES e ANDRADE, 1974) do que com o de Eduardo da Cunha Serrão (SERRÃO, 1958, 1959, 1970).

A evidente ausência de ornatos brunidos nas superfícies destes recipientes, apesar do brunimento muitas vezes vestigial, e os dados resultantes das análises cronométricas previstas, pode fazer avançar as cronologias para uma fase em que já começam a intensificar-se os contactos mediterrânicos orientalizantes, para meados do século VIII.

Pela análise do espólio metálico e cerâmico obteve-se um balizamento cronológico da formação do depósito da Moita da Ladra entre os séculos X e IX a.C., apesar da ausência do que é tomado como “fóssil-director” desse período, designadamente a decoração das superfícies dos recipientes com ornatos brunidos. Situação idêntica ocorre no povoado de Santa Sofia (conforme a informação de João Pimenta e Henrique Mendes), cuja ocupação deverá ter sido, num determinado momento, contemporânea deste depósito.

4. Considerações finais

Abrangendo uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3 m de largura e uma profundidade máxima de cerca de 70 cm, o local terá sido ocupado durante um curto período de tempo, ao longo do qual foi continuamente utilizado.

Possivelmente terão aqui decorrido, em sucessivos momentos, rituais relacionados com a morte, acompanhados de refeições rituais e deposições votivas, constituídos por espólio cerâmico (possivelmente contendo bens alimentares) e faunístico. Como explicação alternativa, deve considerar-se a possibilidade dos rituais terem sido dedicados a uma divindade.



Figura 55 – Depressão após o final dos trabalhos, vista de NE.

Foi utilizada uma depressão natural (Figuras 55 e 56), bastante irregular, na base da qual se identificou uma camada (na qual foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica com decoração campaniforme geométrica) que poderá corresponder ao paleossolo existente no início da sua utilização como espaço ritual.

O mau estado de conservação e a dispersão das cerâmicas deverá estar relacionado com a contínua utilização do espaço. É uma possibilidade a considerar que, após o ritual, os vasos fossem quebrados ou que o local fosse coberto com terra, de modo a permitir um novo ritual naquele espaço. Os blocos pétreos, ali presentes, de pequena e média dimensão, encontravam-se em todas as camadas, misturados com os materiais arqueológicos e em total desorganização, como se tivessem sido para ali atirados.

Não existem estruturas que definam claramente áreas de combustão, sendo contudo muito frequente em todas as unidades arqueológicas a contaminação dos sedimentos com carvão (ocorrem fragmentos de carvão muito reduzidos) e a existência de blocos de calcário com evidências de exposição ao fogo.

Apesar das marcas de arado (século XX) e de uma toca, não terá havido uma pressão e um revolvimento do solo que justifiquem o mau estado de conservação das cerâmicas (mesmo nas camadas inferiores), apesar da má qualidade destas. Admite-se, ao invés, que a pressão exercida sobre os vasos terá ocorrido no período de utilização ritual deste espaço.

A reutilização de recipientes, cuja funcionalidade se encontrava reduzida para utilização doméstica, como é o caso do vaso 32, e o consumo de bivalves muito jovens, demonstram, aparentemente, uma economia de recursos em âmbito ritual.

O escasso e fragmentado espólio metálico e a presença de, pelo menos, um osso e um dente que podem ser humanos, a confirmar-se, poderão indiciar que o ritual ali efectuado incluía a selecção dos ossos e a colocação em urnas cinerárias, como atestado no Monte de São

Domingos, em Castelo Branco, onde foi identificada uma urna com cinzas e ossos humanos, enterrada no chão de uma cabana (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998), o que implica que a incineração, numa pira funerária, seria realizada nas proximidades, possivelmente no topo do afloramento subjacente ao qual se encontra o depósito votivo.

No local foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna mamalógica e malacológica, que constituem o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fíbulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade, ou seja, configurando peças perdidas no local, que poderiam fazer da parte da indumentária do defunto e por isso igualmente sujeitas ao fogo.

Sendo a incineração usual no Bronze Final não será de estranhar a sua prática na Moita da Ladra, devendo estar associados a esta os rituais de comensalidade ali identificados. Meramente no campo das hipóteses, igualmente de âmbito comensal poderão ser os restos de fauna identificados no maior dos covachos escavados em 2003 (trabalhos que foram apresentados por João Luís Cardoso no colóquio Sistemas de povoamento do centro e sul do território português no decurso do Bronze Final, Fábrica da Pólvora de Barcarena, 23 de Outubro de 2012), sendo possivelmente o covacho menor um espaço sepulcral onde se procedeu à deposição de cinzas. Neste último encontravam-se dois vasos sobrepostos contendo exclusivamente cinzas, o que poderá significar que houve uma prévia selecção dos ossos, quiçá enterrados na área de *habitat*.

Os rituais de comensalidade encontram-se atestados em hipogeus com enterramentos da Idade do Bronze nos sítios de Torre Velha 3 e de Outeiro Alto 2, ambos em Serpa, onde a presença de restos faunísticos estão associados aos enterramentos (PORFÍRIO & PAIXÃO, 2010). De igual modo, na necrópole da Vinha do Casão, em Vilamoura, considerou-se que as várias lareiras identificadas no espaço da necrópole estariam associadas a um ritual de comensalidade celebrado no decurso dos enterramentos.

O espaço ritual estaria certamente associado a um povoado, provavelmente localizado na colina imediatamente a Norte, e a uma necrópole, que deverá ter sido destruída pelas frentes de extracção da antiga pedreira. Aliás, foram identificados fragmentos cerâmicos, com idênticas características, ao longo do seu limite nas proximidades do depósito e dos covachos escavados em 2003, podendo estes serem restos da necrópole e/ou de um espaço ritual mais pequeno.

O local enquadra-se na tipologia de povoados de altura, isolados na paisagem, emergentes nesta etapa do Bronze Final, quer na região de Lisboa, em locais como o Penedo do Lexim (Mafra) ou o Castelo dos Mouros (Sintra), quer no Sul, por exemplo no Cerro da Mangacha (Aljustrel),

ou no Norte, por exemplo no Alto de Santa Ana (Chaves). Não poderemos, contudo, aludir com segurança à existência de um povoado desta época na Moita da Ladra, ainda que os vestígios conhecidos o indiquem, uma vez que não há vestígios reconhecíveis que se possam atribuir a um povoado.

Nas cerâmicas encontram-se ausentes as decorações brunidas, habitualmente consideradas como características desta etapa do Bronze Final. Porém, as superfícies integralmente brunidas ou simplesmente polidas encontram-se presentes no espólio cerâmico, o que é comum em sítios do Bronze Final estremenho, como são os casos da Quinta do Almaraz e de Santa Sofia, entre muitos outros.

Na fauna predominam os mamíferos, correspondendo quase integralmente a espécies domesticadas. Todavia, encontra-se claramente identificada a prática da recollecção de moluscos estuarinos e a caça, aguardando-se mais dados após o estudo da fauna e dos sedimentos recolhidos. A comunidade associada a este depósito estaria, certamente, dependente da actividade agropastoril, onde a recollecção e a caça seriam acções complementares.

Os depósitos da Idade do Bronze conhecidos em Portugal correspondem a conjuntos de artefactos metálicos descontextualizados, sendo considerados votivos os achados em meio aquático e “esconderijo de fundidor” ou “depósito de sucata” os achados em meio terrestre, ainda que os segundos possam igualmente ter um cariz votivo (MELO, 2000). Todavia, o depósito votivo da Moita da Ladra diverge dos depósitos do Bronze Final conhecidos. Aqui, o metal é escasso e possivelmente não constitui parte integrante do espólio votivo, sendo este constituído por vasos (com bens alimentares?) e fauna (restos de alimentação), provavelmente constituindo dois dos momentos de uma cerimónia de carácter comensal, constituída por refeição ritual e deposição de bens alimentares.

Ainda que bastante distinto, e com uma cronologia mais antiga, balizada entre o século XIV e os séculos XII/XI a.C. (1005-835 cal BC, a 2 sigma), o depósito ritual, de carácter propiciatório, do casal agrícola de Abrunheiro, em Oeiras, (CARDOSO, 2010/2011), constituído por um recipiente contendo fragmentos de um ovino ou caprino juvenil, surge em termos comparativos como o mais aproximado do depósito da Moita da Ladra.

Perante os dados obtidos, a uniformidade na tipologia do espólio e a análise prévia do mesmo, reconhece-se um curto período de ocupação do espaço (umas dezenas de anos) com distintos momentos cerimoniais, tendo esta decorrido, de acordo com os paralelos obtidos para o espólio, numa segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C. (datação relativa).

Numa primeira datação absoluta por radiocarbono, sobre fauna mamalógica da U.E.[13] (um contexto bastante seguro onde se encontravam ossos de pata de vaca, sobre

os quais se obteve a datação), obtida pelo doutor António Monge Soares no Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém), obteve-se uma datação de 2540±50 BP (808-510 cal BC 2 sigma), data que aponta para uma fase tardia do Bronze Final (finais do século IX a finais do VI a.C., mais seguramente séculos VIII/VII a.C.), num momento em que se davam os primeiros contactos com os Fenícios em Almaraz e em Santarém, com paralelos ao nível de datações na Quinta do Marcelo (século VIII/VII a.C.), em Almada (MELO & SENNA-MARTINEZ, 2002). Porém, esta é apenas uma primeira datação sendo necessário concluir as restantes para se atestar a significância da já obtida.

A presença de fragmentos cerâmicos da I Idade do Ferro, dispersos por toda a área da colina, pode indicar que a ocupação se pode ter prolongado até aos inícios deste período, pelo que certamente este sítio constituirá um testemunho da transição Bronze Final-Idade do Ferro na Estremadura Atlântica.

O depósito votivo estaria associado a um espaço ritual onde deveria ocorrer todo o processo relacionado com a cerimónia, desde a incineração (possivelmente no topo do afloramento que se encontra contiguamente, num plano superior), às refeições, à deposição final dos restos funerários, talvez em urna, e à deposição final do espólio funerário, constituindo um sítio arqueológico de elevado valor científico e cultural, para o qual não se obtiveram paralelos.

Estando atestada a ocupação humana, ainda que não de modo contínuo, no sítio arqueológico da Moita da Ladra entre o Neolítico Antigo e o Bronze Final, possivelmente prolongando-se para a I Idade do Ferro, seria muito importante que futuramente se identificasse o local onde terão decorrido as incinerações, a localização do povoado e seu balizamento cronológico, acrescentado a este já tão valioso sítio e a uma época para a qual existem muitas lacunas de conhecimento.



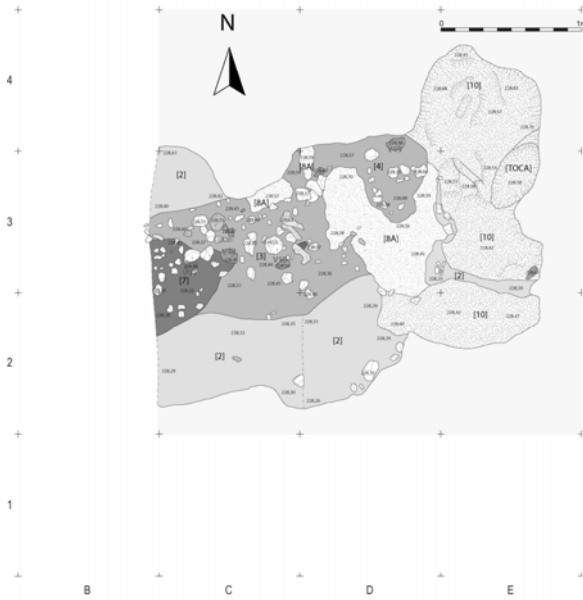
Figura 56 – Depressão após o final dos trabalhos, vista de SO.

5. Bibliografia

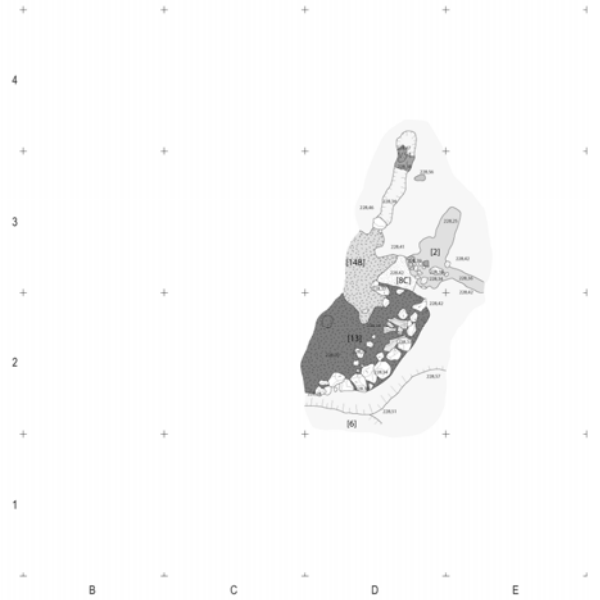
- CARDOSO, João Luís (1995) – “O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio.” *Conímbriga*. XXXIV. Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 33, 74.
- CARDOSO, João Luís (1996) – “O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra)”. *Sesimbra Cultural*. 5. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 6-14.
- CARDOSO, João Luís (1997/1998a) – “As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 155-167.
- CARDOSO, João Luís (1997/1998b) – “O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 169-178.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1998) – *Duas Cabanas Circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco)*. Vila Velha de Rodão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- CARDOSO, João Luís (1999/2000) – “Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 8. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 355-413.
- CARDOSO, João Luís (2000) – “Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final”. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Trabalhos de Arqueologia*. 14. Lisboa: IPA, pp. 45-70.
- CARDOSO, João Luís; SILVA, Inês Mendes da (2004) – “O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 227-271.
- CARDOSO, João Luís (2006) – “A Estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 21-46.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos (2006) – *Relatório Final dos Trabalhos executados no povoado muralhado calcolítico de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)*. Relatório não editado, fornecido pela EMERITA, Lda.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos (2010) – “Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado”. *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e 3.º milénios a.n.e. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005)*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 65-95.
- CARDOSO, João Luís (2010/2011) – “O Casal Agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 33-74.
- CARREIRA, Júlio Roque (1994) – “A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior)”. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. Lisboa: Colibri, pp. 47-144.

- COFFYN, André (1983) – “La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal”. *O Arqueólogo Português*. IV.1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 169-196.
- FÉLIX, Paulo Jorge S. (1999) – “O Final da Idade do Bronze no Centro-Oeste Peninsular: a Contribuição do Ribatejo Norte”. *Revista de Guimarães*. Volume Especial, II. Guimarães: Casa de Sarmento. Centro de Estudos do Património, pp. 715-740.
- JORGE, Susana Oliveira (1991) – “Idade do Bronze : apontamento sobre a natureza dos dados arqueológicos”. *Revista da Faculdade de Letras : História*, série II, vol. 8. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto , pp. 385-392.
- MADEIRA, João; GONÇALVES, João Ludgero; RAPOSO, Luís; PARREIRA, Rui (1972) – “Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro / Torres Vedras) – Notícia Prévia”. *O Arqueólogo Português*. III.6. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 207, 212.
- MARQUES, Gustavo (1972) – “Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto”. *Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»*. 13. Porto: Faculdade de Ciências.
- MARQUES, Gustavo; ANDRADE, Miguéis (1974) – “Aspectos da proto-história do território português – 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro)”. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. I Volume. Porto: Ministério da Educação Nacional / Junta Nacional da Educação, pp. 125-148.
- MELO, Ana Ávila de (2000) – “Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3. N.º 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 15-120.
- MELO, Ana Ávila de; SENNA-MARTINEZ, João Carlos (2002) – “Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao "Mercado". Alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na "Península de Lisboa". *Turres Veteras. IV Actas de Pré-história e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Sector da Cultura/Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo "Alexandre Herculano". pp. 95-118.
- PARREIRA, Rui (1985) – “Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira – Notícia da Parcela 403-8”. *Boletim Cultural*. 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 107-119.
- PINTO, Clara Vaz; PARREIRA, Rui (1978) – “Contribuição para o Estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do Estuário do Tejo”. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. 1977. Volume I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 147-163.
- PONTE, Salete da (2006) – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópico.
- PORFÍRIO, Eduardo M. B.; PAIXÃO, Miguel A. (2010) – “Rituais Funerários e Comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa)”. *Estudos do Quaternário*, N.º 6. Braga: AP 362 pp. 49-66.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de (1994) – “Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões – Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular”. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. Lisboa: Colibri, pp. 215-232.
- SERRÃO, E. da Cunha (1958) – “Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos”. *Zephyrus*. IX-2. Salamanca: Universidad de Salamanca. pp. 177, 186.
- SERRÃO, E. da Cunha (1959) – “Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)”. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Volume I. Lisboa: IAC, pp. 337-359.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1970) – “As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo”. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa – 1969. Volume II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 271-309.
- SILVA, Isabel - Coord. (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- VILAÇA, Raquel (1995) – “Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze”. *Trabalhos de Arqueologia*. 9, 2 Vols. Lisboa: IPPAR.
- VILAÇA, Raquel; ARRUDA, Ana Margarida (2004) – “Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro”. *Conímbriga*. XLIII. Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 11-45.
- VILAÇA, Raquel (2008) – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage .

ESTAMPA II - Depósito Votivo, plantas de diversas fases de escavação



Fase de representação gráfica F
remoção de alguns vasos identificados na fase anterior
e identificação de novos vasos e novos sedimentos



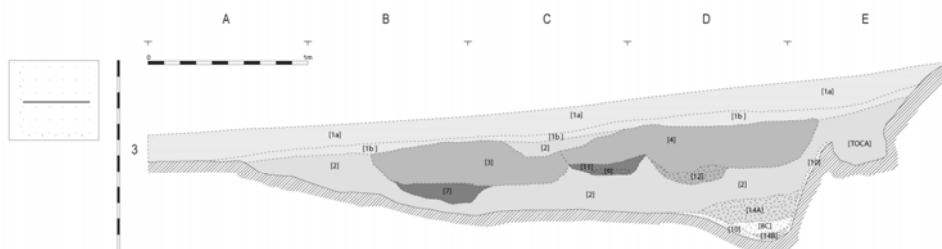
Fase de representação gráfica I
Identificação final de vasos individualizáveis
e identificação de novos sedimentos



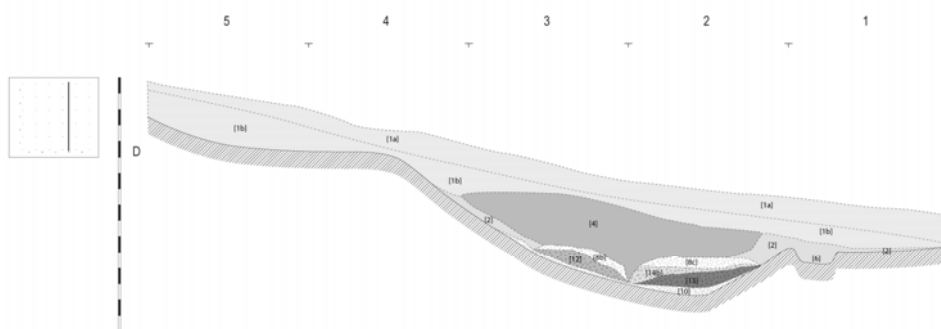
Fase de representação gráfica H
Estrutura de combustão em C.2 / C.3

LEGENDA			
	U.E. 2		Sedimento / Afloramento queimado
	U.E. 3		Sedimento com carvões e cinzas sob vaso 34
	U.E. 4		Substrato geológico calcário
	U.E. 5; U.E. 6		Pedras de calcário
	U.E. 7		Pedras de calcário queimadas
	U.E. 8A		Pedras de basalto
	U.E. 8C		Pedra afeiçãoada (calcário)
	U.E. 9		Cerâmica
	U.E. 10		Cerâmica (vasos identificados)
	U.E. 11		Fauna mamalógica
	U.E. 12		Fauna mamalógica carbonizada
	U.E. 13		Fauna malacológica
	U.E. 14B		Concentração de fauna carbonizada
	Carvão		Fóssil

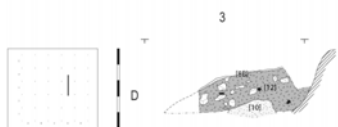
ESTAMPA III - Depósito Votivo, perfis estratigráficos



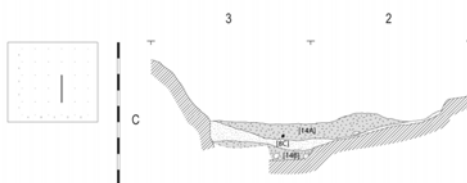
Perfil estratigráfico Oeste-Este em A.3-E.3



Perfil estratigráfico Norte-Sul em D.5-D.1



Perfil estratigráfico Sul-Norte intermédio em D.3



Perfil estratigráfico Norte-Sul em C.2-C.3

LEGENDA						

ESTAMPA IV - Depósito Votivo, Vaso 9A (1); Vaso 32 (2); Vaso 45A (3).

